

A Outra Princesa: Uma releitura sobre as escarificações deixadas pela colonização e pela escravização africana

The Other Princess: A reinterpretation of the scarifications left by colonisation and African enslavement

Roberta Maria Ferreira Alves
Manuela Luiza de Souza

RESUMO

Este artigo analisa o papel da literatura na reinterpretação de trajetórias de figuras marginalizadas, com foco na história de Sarah Forbes Bonetta. A partir do romance *A Outra Princesa*, de Denny S. Bryce, discutimos como a ficção histórica preserva memórias pessoais e coletivas, ao mesmo tempo que desafia narrativas coloniais sobre raça, gênero e poder. Abordamos o impacto do tráfico transatlântico de escravizados e as relações entre líderes africanos e potências europeias. A pesquisa se apoia nas teorias de memória de Halbwachs e Nora, e na metaficção historiográfica de Hutcheon e White, refletindo sobre os limites entre história e ficção. Ao integrar Gilroy, Hall e Bhabha, evidenciamos como a literatura pós-colonial resgata vozes silenciadas e questiona as construções identitárias da diáspora africana.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura pós-colonial; Diáspora africana; Tráfico transatlântico de escravizados; Metaficção historiográfica; Resistência cultural

ABSTRACT

This article critically examines literature's role in reinterpreting the trajectories of marginalised historical figures, with a particular focus on the life of Sarah Forbes Bonetta. Drawing on Denny S. Bryce's *The Other Princess: A Novel of Queen Victoria's Goddaughter* (2023), the discussion interrogates how historical fiction simultaneously preserves personal and collective memories and challenges entrenched colonial narratives concerning race, gender, and power. The study situates the transatlantic slave trade within broader contexts of African-European political interactions, highlighting the complex dynamics between African leaders and European powers. Grounded in the memory theories of Halbwachs and Nora, as well as Hutcheon's and White's concept of historiographic metafiction, this research critically reflects on the boundaries between history and fiction. By engaging with the scholarship of Gilroy, Hall, and Bhabha, the analysis demonstrates how postcolonial literature recovers previously silenced voices and interrogates the construction of identity within the African diaspora.

KEYWORDS

Postcolonial literature; African diaspora; Transatlantic slave trade; Historiographic metafiction; Cultural resistance

INTRODUÇÃO

Ao longo dos séculos, a literatura tem se mostrado uma ferramenta essencial para a preservação e a reconstrução da memória coletiva. Entre os muitos exemplos dessa função, destaca-se o romance *Doze Anos de Escravidão*, de Solomon Northup (2019), uma obra que relata um fato verídico, a história de um homem negro livre sequestrado e vendido como escravizado¹ nos Estados Unidos da América, expondo as atrocidades do sistema escravista a partir de sua experiência pessoal. Narrativas como essa não apenas revelam as condições cruéis da escravidão, como também ressaltam a importância de ampliar as vozes dos indivíduos historicamente marginalizados.

Essa perspectiva dialoga com as reflexões de Michel Foucault em *A Arqueologia do Saber* (2009), ao afirmar que a história não consiste numa simples transcrição dos fatos, mas em uma construção discursiva que privilegia algumas vozes enquanto silencia outras. Complementando essa ideia, Paul Gilroy (2001) destaca que a história da diáspora africana é frequentemente fragmentada ou apagada pelos discursos dominantes, o que transforma a disputa pela memória e pela identidade em um campo de tensões. Esse apagamento pode ser claramente observado nas narrativas oficiais, que muitas vezes minimizam ou omitem o papel de intelectuais e líderes africanos na resistência ao colonialismo, concentrando-se majoritariamente nas ações das potências colonizadoras europeias.

É justamente nesse contexto de disputas por memória e representatividade que a trajetória de Sarah Forbes Bonetta (1843-1880), personagem central do romance *A Outra Princesa* de Denny S. Bryce (2024), se insere como um exemplo revelador da complexidade das identidades moldadas pelo colonialismo. Trata-se de uma história real: nascida em uma comunidade iorubá e capturada durante um ataque militar, Sarah foi enviada como “presente diplomático” à Rainha Vitória (1819-1901). Educada no contexto da cultura ocidental, ela foi gradualmente afastada de suas raízes africanas, enfrentando o desafio constante de transitar entre dois mundos culturais. Sua história evidencia não apenas os impactos profundos do colonialismo sobre as identidades negras, mas também o silenciamento dessas figuras nas narrativas históricas tradicionais.

Nesse sentido, a literatura desempenha um papel fundamental ao resgatar e dar visibilidade a figuras como Sarah Forbes Bonetta, integrando suas histórias nas complexas relações de poder e resistência que marcam o passado. A ficção e a reconstrução narrativa não só preservam vidas marginalizadas, como também promovem uma reflexão crítica sobre raça, gênero e poder. Esse processo literário transforma existências esquecidas em símbolos de luta e resistência, ampliando a compreensão da diáspora africana e evidenciando as formas de racismo enraizadas nas estruturas sociais.

É a partir dessa perspectiva que elegemos o romance *A Outra Princesa*, de Denny S. Bryce (2024), como objeto de análise². A obra se destaca pela maneira sensível e rica na qual insere o leitor em um momento histórico crucial, ao abordar temas como a memória cultural e os impactos duradouros da colonização e da escravização. Justifica-se, portanto, pela relevância de compreender como a literatura pós-colonial articula as tensões entre ancestralidade, colonização e modernidade, ao mesmo tempo que reflete sobre o legado traumático do tráfico negreiro e do racismo.

Diante disso, formulamos a seguinte questão central para este estudo: como o romance de Denny S. Bryce reconstrói e ressignifica a trajetória de Sarah Forbes Bonetta à luz das dinâmicas de memória, ancestralidade e identidade cultural? E, ainda, de que maneira a obra articula essas questões para desafiar as narrativas coloniais e evidenciar as tensões entre tradição e modernidade?

¹ O uso do termo “escravizados”, em vez de “escravos”, constitui uma escolha terminológica crítica e política. Enquanto “escravos” naturaliza a condição de submissão, como se fosse uma identidade inerente ao sujeito, “escravizados” enfatiza que esses indivíduos não nasceram nessa condição, mas foram submetidos a ela por meio de estruturas de violência, dominação e exploração. Tal distinção busca restituir a humanidade dos sujeitos e evidenciar a escravidão como processo histórico de imposição, não como atributo essencial (Gomes, 2019a).

² Tradução do original inglês *The Other Princess: A Novel of Queen Victoria's Goddaughter*, publicado pela HarperCollins em 2023.

Nosso objetivo principal é analisar como o romance retrata os dilemas de personagens que transitam entre diferentes heranças culturais, destacando as marcas do legado colonial e do tráfico negreiro na formação das identidades. Para isso, investigaremos as representações de memória e ancestralidade presentes na obra e de que forma elas expõem os conflitos de pertencimento, além das tensões entre tradição e colonização.

O presente artigo parte da contextualização histórica do expansionismo britânico e do tráfico transatlântico de africanos escravizados, com base nos estudos de Hobsbawm (2012a; 2012b), Gilroy (2001), Porter (2004) e Gomes (2019b; 2021; 2022), como elementos centrais para compreender o pano de fundo da trajetória de Sarah Forbes Bonetta. Inserida nesse cenário de dominação imperial e deslocamentos forçados, a personagem representa as contradições da diáspora africana e os efeitos do colonialismo. A partir dessa base histórica, a pesquisa fundamenta-se em autores como Hutcheon (2003), cuja concepção de metaficção historiográfica permite entender como a ficção problematiza e reconfigura as formas tradicionais de representar o passado. Dialogamos ainda com a narrativa histórica de White (1985), as reflexões sobre memória de Nora (1993) e Halbwachs (2003), e as noções de pertencimento fragmentado propostas por Bhabha (2005) e Hall (2003). O foco recai, assim, sobre a análise de como a ficção histórica ressignifica trajetórias marginalizadas, tomando como ponto de partida a releitura literária da história de Sarah Forbes Bonetta na obra *A Outra Princesa*.

Esta análise procura revelar como a narrativa de Sarah ressignifica sua memória e expõe suas experiências de deslocamento e de contato com outra cultura concluindo que a literatura pós-colonial não apenas reconfigura sujeitos marginalizados, mas também amplia os debates sobre identidade, colonialismo e as complexas dinâmicas de resistência e pertencimento.

REINADO VITORIANO E SUA POLÍTICA EXPANSIONISTA

O reinado da Rainha Vitória (1837-1901) marcou um dos momentos mais expressivos da consolidação do imperialismo britânico. Durante esse período, o Reino Unido se firmou como a maior potência global, ampliando seus domínios territoriais sobre vastas regiões de África, Ásia e Oceania. Tal expansão não se limitou ao poderio militar e econômico; ela foi sustentada por um conjunto articulado de discursos ideológicos que legitimavam o domínio europeu sob a alegação de uma missão civilizatória (Hobsbawm, 2012a; Porter, 2004).

Um dos alicerces dessa ideologia foi o conceito do “fardo do homem branco”, popularizado pelo poema homônimo de Rudyard Kipling (1899), um discurso impregnado de paternalismo, que mascarava as violências coloniais sob os ideais de progresso, benevolência e ordem (Said, 1990).

Paralelamente, teorias como o darwinismo social forneceram bases pseudocientíficas para justificar a hierarquização racial, apresentando africanos, asiáticos e indígenas como inferiores e, portanto, naturalmente subordinados à hegemonia europeia. Essas ideias foram amplamente disseminadas por missionários, naturalistas, intelectuais e administradores coloniais, moldando o imaginário europeu sobre os povos colonizados (Gilroy, 2001; Hall, 2003).

É nesse contexto que figuras como Sarah Forbes Bonetta foram instrumentalizadas. Sua presença na corte britânica foi apresentada como prova do sucesso da “missão civilizadora” inglesa, apagando as violências de sua trajetória pessoal e transformando-a em símbolo de sucesso da campanha empreendida. Compreender essa conjuntura histórica e ideológica é essencial não apenas para analisar sua trajetória individual, mas também para desvelar os significados simbólicos que lhe foram atribuídos em um império que utilizava corpos negros como vitrine de sua suposta superioridade moral e cultural (Bressey, 2005).

O imperialismo britânico do século XIX pode ser compreendido pelo conceito de “Imperialismo Liberal”, termo utilizado por historiadores como Bernard Porter (2004). Para ele, a Grã-Bretanha, como já salientado, via sua ex-

pansão como uma missão civilizatória, que trazia progresso e modernização às regiões colonizadas. No entanto, como aponta Eric Hobsbawm (2012a; 2012b), essa expansão foi impulsionada pelas necessidades econômicas do capitalismo industrial, que demandava novos mercados e matérias-primas. A África, em particular, tornou-se um alvo importante devido às urgências do capitalismo e à busca pelo controle de rotas comerciais estratégicas, como o Canal de Suez. Segundo Porter (2004), a competição entre potências europeias durante a “Partilha da África”, no final do século XIX, também foi um fator determinante para a ocupação britânica, já que o império buscava assegurar sua posição frente a rivais como França e Alemanha. Esse processo legitimava o domínio britânico e influenciava o modo como era narrada a história desses povos.

Diante desse cenário, torna-se essencial revisar essas representações sob uma ótica pós-colonial. Paul Gilroy (2001) propõe a noção do Atlântico Negro como um espaço de interconexões culturais e violências transnacionais, onde identidades foram moldadas pelo colonialismo e pela escravidão. Percebe-se, assim, que os povos colonizados envolveram não apenas opressão, mas resistência, resignificação e trocas culturais que desafiaram as estruturas de poder imperial.

Nesse contexto, a expansão britânica produziu desigualdades estruturais e resistência nas regiões colonizadas. Seu legado reverbera nos debates contemporâneos sobre colonialismo e identidade nacional. Como observa Edward Said (1994), o discurso imperialista moldou não só as políticas dos países colonizados, como redefiniu a identidade da Grã-Bretanha como nação hegemônica no século XIX.

O TRÁFICO TRANSATLÂNTICO E AS RELAÇÕES ENTRE ÁFRICA E EUROPA

O tráfico transatlântico de escravizados foi um dos capítulos mais sombrios da história, envolvendo a captura e o deslocamento forçado de milhões de africanos. Esse sistema brutal, sustentado por interesses econômicos, políticos, religiosos e culturais, contou com a participação tanto de potências coloniais europeias quanto de reinos africanos, como o Daomé, que utilizaram seu poder militar para capturar e vender pessoas, alimentando a rede global de exploração. Compreender essas dinâmicas é fundamental para refletir sobre seus impactos duradouros e as relações de poder daí resultantes.

Potências europeias como Portugal, Espanha, Holanda, França e Grã-Bretanha viam no tráfico negreiro uma oportunidade essencial para consolidar suas colônias nas Américas. Como observa John Thornton (1998), a expansão da economia de *plantation* e a demanda por mão de obra resistente ao clima tropical impulsionaram a busca por escravizados. O sistema triangular de comércio, que trocava mercadorias europeias por africanos, sustentou o capitalismo mercantilista e estabeleceu um circuito de exploração que abastecia as colônias americanas.

Essa articulação não foi uma imposição unilateral dos europeus sobre os africanos. Muitos reinos, como Daomé, Oyo e o Reino do Congo, viam no comércio de escravizados uma fonte estratégica de riqueza e poder (Inikori, 2002). No Daomé, as Agojies, guerreiras do exército, desempenharam um papel central, conduzindo incursões militares para capturar prisioneiros e, posteriormente, vendê-los aos comerciantes europeus. Esse intercâmbio revela a complexidade das relações estruturadas que envolviam alianças, disputas e estratégias de sobrevivência (Gomes, 2019b).

A participação desses reinos no tráfico teve consequências profundas para a organização política e social do continente. A troca de cativos por armas e produtos manufaturados intensificou conflitos e rivalidades entre as nações africanas. Segundo Walter Rodney (1972), esse processo enfraqueceu o desenvolvimento autônomo de África e aprofundou sua dependência em relação ao comércio europeu, comprometendo a estabilidade da região a longo prazo.

O impacto desse comércio foi devastador. Povos como os Egba, na atual Nigéria, foram atacados, resultando na desestruturação social e no deslocamento forçado de milhares de pessoas. Segundo Laurentino Gomes (2019b; 2021; 2022), entre 1700 e 1800, cerca de dois milhões de africanos foram embarcados à força, a maioria proveniente de comunidades assoladas por guerras e pelo tráfico. Essa conjuntura ilustra como o comércio transatlântico não destruiu apenas vidas individuais, mas desarticulou sociedades inteiras. Um fenômeno complexo, no qual a exploração europeia e a participação ativa de reinos africanos se entrelaçaram em um sistema de dominação global. Enquanto as potências do velho continente impulsionaram suas economias coloniais com esse comércio, muitos reinos africanos buscaram vantagens imediatas sem prever os impactos devastadores a longo prazo.

No entanto, com o avanço mundial das campanhas abolicionistas ao longo do século XIX, os reinos africanos se adaptaram às novas condições do mercado global. Mesmo diante das pressões britânicas para o fim do tráfico, Guezo, soberano do Daomé, foi relutante em abolir o comércio, evidenciando sua importância econômica local. Esse Reino, diante da diminuição da demanda por escravizados, voltou-se para a produção de óleo como alternativa econômica. Essa transição mostra que o fim do tráfico não foi apenas uma questão moral, mas também uma mudança imposta pelo capitalismo (Law, 1991; Thornton, 1988; Lovejoy, 1989).

Os impactos desse sistema foram sentidos em duas instâncias, tanto em África quanto nas Américas. De um lado, o esvaziamento populacional e a instabilidade política resultante do tráfico provocaram desequilíbrios sociais que perduraram após a abolição do comércio de escravizados. Do outro, a presença de africanos forçados ao exílio moldou sociedades inteiras, cujas culturas foram profundamente influenciadas por suas tradições. Como destaca Paul Lovejoy (2011), a dispersão dos africanos pelo Atlântico originou a Diáspora Africana, cujo impacto cultural e social ainda é visível em diversas regiões do mundo.

DINÂMICAS DE PODER E RESISTÊNCIA NO SÉCULO XIX

Com o avanço das campanhas abolicionistas, a Grã-Bretanha buscou consolidar seu domínio sobre a África Ocidental, substituindo o tráfico por novas formas de exploração, como o trabalho forçado e a economia de plantação (Gomes, 2019b). Nesse cenário, a relação entre europeus e africanos se tornou mais complexa, caracterizada tanto pela resistência quanto pela adaptação às novas imposições coloniais.

Em África, líderes como Samori Touré, na atual Guiné, resistiram abertamente às investidas europeias, enquanto outros buscaram negociar, firmando tratados ou adotando o cristianismo para se inserirem no novo contexto. Contudo, essa adaptação frequentemente resultava na perda de autonomia e na subjugação progressiva de diversos reinos ao controle imperial (Gilroy, 2001).

Além da resistência armada e das estratégias diplomáticas, a oposição africana ao domínio europeu também se manifestava na preservação de práticas culturais e religiosas nas comunidades negras da diáspora (Gomes, 2019b). Essas formas sutis de resistência desafiavam o apagamento cultural promovido pelo colonialismo, mostrando que a imposição europeia, embora dominante, nunca foi absoluta (Hall, 2003).

A trajetória de Sarah Forbes Bonetta exemplifica a complexidade dessas dinâmicas. Embora tenha sido levada à Inglaterra como “protegida” da Rainha, sua presença na corte britânica não deve ser vista apenas como um ato de benevolência. Sua vida foi moldada para atender aos interesses da monarquia, que usava figuras africanas para justificar sua dominação e reforçar a narrativa civilizatória do colonialismo.

A história de Sarah sintetiza as contradições do século XIX entre colonialismo, abolicionismo e resistência africana. Três aspectos fundamentais emergem de sua trajetória: ter sido capturada pelo Daomé e entregue aos britânicos evidencia as complexas interações entre africanos e europeus no tráfico transatlântico, incluindo a colaboração de algumas elites africanas com os impérios coloniais; ter sido apresentada como um “exemplo de

civilização” para legitimar a presença britânica em África, reforçando a ideia de progresso oriunda da monarquia; ter sido integrada e celebrada como símbolo do progresso imperial, o que jamais lhe permitiu ser plenamente aceita, e seu casamento com um africano educado, em moldes europeus, evidencia sua exclusão dos círculos coloniais, revelando os limites de pertencimento impostos por uma estrutura racista.

A reconstrução ficcional da trajetória de Sarah Forbes Bonetta no romance *A Outra Princesa* revisita a história dessa personagem sob uma nova perspectiva, que não se limita a relatar os impactos do colonialismo, mas destaca, sobretudo, as tensões entre reconfiguração identitária e preservação da memória histórica. Ao colocar em evidência essas contradições, a obra não apenas visibiliza uma figura historicamente silenciada, como também propõe uma leitura crítica das narrativas oficiais que tendem a suavizar ou apagar as violências do projeto imperial britânico.

Nesse processo, a literatura se revela como uma poderosa ferramenta de contestação simbólica. Ao ecoar vozes como a de Sarah, *A Outra Princesa* desafia os discursos eurocêntricos que moldaram a historiografia ocidental, contribuindo para uma compreensão mais profunda e plural das complexidades do colonialismo e da diáspora africana. A obra não apenas revisita o passado, mas o reinscreve a partir de um ponto de vista que valoriza a agência e a capacidade de reinvenção das populações africanas diante das estruturas coloniais.

METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA E A RECUPERAÇÃO DE FIGURAS MARGINALIZADAS

O conceito de metaficção historiográfica converge com Hayden White (1985), ao afirmar que História e Literatura se constroem por meio de narrativas moldadas por escolhas retóricas e ideológicas. Desse modo, a metaficção historiográfica emerge como estratégia crítica que revela e tensiona os limites entre fato e ficção. Nesse contexto, tal estratégia, conforme proposta por Linda Hutcheon (2003), surge como ferramenta que subverte os modos tradicionais de representação, ao fundir fatos e ficção para problematizar a ideia de verdade histórica e evidenciar seu caráter subjetivo e discursivo. Na literatura contemporânea, a intersecção entre história e ficção se intensifica por meio de narrativas que questionam a objetividade da história oficial. Hutcheon (2003) destaca o caráter construído da história e a metaficção historiográfica expõe suas bases culturais e políticas. A revisitação de figuras marginalizadas é central nessa abordagem, pois desafia narrativas hegemônicas ao expor suas lacunas e dar voz a sujeitos silenciados.

Para Spivak (2014), reinterpretar personagens subalternos é essencial para questionar os limites das narrativas dominantes. A desconstrução das narrativas oficiais ocorre pela resignificação de personagens e pela criação de novas perspectivas sobre eventos históricos. Ao reimaginar o passado a partir dos silenciados, a literatura promove uma memória mais plural e crítica dos mecanismos de poder (Hutcheon, 2003). Por exemplo, no romance *Um Defeito de Cor*, Ana Maria Gonçalves (2006) resgata a trajetória de Kehinde, mulher africana escravizada que atravessa o Atlântico em busca do filho. A narrativa reconfigura a história da escravidão a partir de uma perspectiva subalternizada, desafiando o viés eurocêntrico predominante nos discursos oficiais. Ao centrar a experiência de uma personagem historicamente silenciada, a obra exemplifica o que Spivak (2014) aponta como fundamental: reinscrever o sujeito subalternizado na história. Nesse processo, como destaca Hutcheon (2003), evidencia-se o caráter ideológico da memória histórica e sua reconfiguração pela ficção.

A Literatura constitui-se como um espaço privilegiado de preservação e reconfiguração da memória, ao mesmo tempo em que amplia os “lugares de memória” (Nora, 1993) e contribui para a reconstrução da memória coletiva (Halbwachs, 2003). Nesse processo, ao confrontar discursos históricos hegemônicos e resgatar vozes silenciadas, a escrita literária propõe perspectivas mais inclusivas do passado, reafirmando a centralidade da ficção na construção e na reconfiguração crítica da história.

A História de Sarah Forbes Bonetta

Sarah é um exemplo instigante das complexas relações entre a África Ocidental e a Grã-Bretanha no século XIX. Nascida por volta de 1843, sob o nome de Aina, no reino iorubá de Oke-Odan, na atual Nigéria, fazia parte da aristocracia local. No entanto, sua vida tomou um rumo trágico quando sua aldeia foi atacada pelos guerreiros do Reino de Daomé, sob o comando do Rei Guezô (1787-1858) (Forbes, 1851; Rambler, 2023). Os iorubás, frequentemente alvos dessas incursões, eram capturados, vendidos como escravos ou sacrificados em rituais religiosos. Aina presenciou o assassinato de seus pais e foi levada como prisioneira do Guezô, e seu destino parecia ser o mesmo de tantos outros: o sacrifício em honra aos deuses do rei. Entretanto, sua trajetória mudaria radicalmente com a intervenção da Marinha Real Britânica na região (Forbes, 1851; Rambler, 2023).

Durante uma missão diplomática em 1850, o capitão britânico Frederick E. Forbes visitou a corte de Guezô e intercedeu em favor da menina. Em seu diário de viagem, *Dahomey and the Dahomans; being the journals of two missions to the king of Dahomey, and residence at his capital, in the years 1849 and 1850*³ (1851), Forbes relata esse acontecimento. Convencido da importância de sua ação, Forbes persuadiu Guezô a entregar Aina como um “presente” à Rainha Vitória, sob o pretexto de fortalecer as relações diplomáticas entre Daomé e Grã-Bretanha. Assim, Aina foi levada à Inglaterra e recebeu um novo nome: Sarah Forbes Bonetta, uma referência ao navio HMS Bonetta no qual foi transportada e ao capitão que a salvou da morte (Forbes, 1851; Rambler, 2023). Na abertura do volume II do relato de Forbes, nos deparamos com uma reprodução de uma imagem de Sarah (Figura 1) que retrata uma menina egbá⁴ completamente vestida à moda europeia, com a indumentária e o cenário apagando quase por completo suas origens africanas. Nem mesmo as escarificações faciais, que confirmavam sua ascendência aristocrática iorubá, são visíveis. Apenas sua pele escura e o cabelo indicam sua origem, enquanto o exotismo, frequentemente explorado na iconografia colonial, é ressignificado pela imposição dos padrões ocidentais.



Figura 1 A pequena Sarah Forbes Bonetta (Forbes, 1851).

³ Obras como essa documentavam as viagens europeias pela África Ocidental e apresentavam-se como ferramentas de propaganda da máquina colonial britânica, preparando o terreno para futuras incursões imperialistas.

⁴ O termo “egbá” designa um dos subgrupos iorubás oriundos da região de Abeokutá, situada no atual sudoeste da Nigéria. No contexto do tráfico atlântico, diversos indivíduos desse grupo étnico foram levados para o Brasil, sobretudo para a Bahia, onde suas práticas religiosas, linguísticas e culturais desempenharam um papel fundamental na constituição da identidade afro-brasileira (Verger, 1987).

Esse processo se intensifica com a chegada de Sarah à Inglaterra, onde foi apresentada à Rainha Vitória. A monarca, impressionada com sua inteligência e boas maneiras, decidiu amadrinhá-la, oferecendo-lhe educação e sustento. Sob os cuidados de uma família missionária britânica, Sarah recebeu uma educação refinada, tornando-se um exemplo da “missão civilizatória” britânica em África. Sua história ganhou grande notoriedade na sociedade vitoriana, pois se alinhava com a narrativa colonial que justificava a presença britânica no continente, sob o pretexto de levar progresso e modernização aos povos locais (Forbes, 1851; Rambler, 2023).

No entanto, a adaptação ao clima europeu afetou sua saúde. Em 1851, Sarah foi enviada para Serra Leoa, onde permaneceu por quatro anos em uma escola missionária, retornando em 1855. Durante esse período, manteve contato com a Rainha Vitória e participou de eventos da corte, sendo amplamente reconhecida como um exemplo de “progresso africano” dentro do contexto colonial britânico (Forbes, 1851; Rambler, 2023).

Em 1862, Sarah casou-se com James Pinson Labulo Davies, um abastado comerciante e filantropo de Lagos (atual Nigéria). A cerimônia ocorreu na Igreja de São Nicolau, em Brighton, com a presença de membros da alta sociedade britânica. A certidão de casamento de Sarah confirma a transformação de sua identidade, registrando-a como “Ina Sarah Forbes Bonetta”, evidenciando sua integração à identidade colonial e europeia (Figura 2).

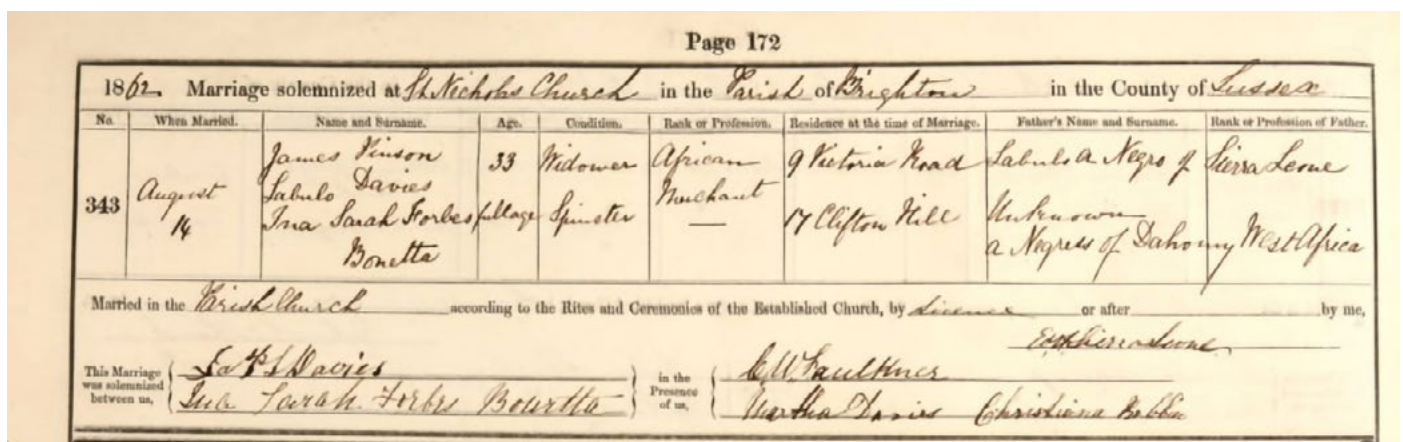


Figura 2 Certidão de casamento de Sarah Forbes Bonetta (Rambler, 2023).

O casal estabeleceu-se em Lagos, onde Davies investiu em educação e desenvolvimento social, tornando-se uma figura influente na região. Sarah e Davies tiveram três filhos, e sua primogênita, Victoria Davies, recebeu esse nome em homenagem à Rainha Vitória, que também se tornou sua madrinha. Apesar de sua posição privilegiada dentro da sociedade colonial, Sarah enfrentou problemas de saúde persistentes e, em 1880, foi enviada ao Funchal, na Ilha da Madeira, na tentativa de recuperar-se. Infelizmente, faleceu aos 37 anos, vítima de tuberculose. Seu corpo foi sepultado no Cemitério Britânico da Madeira, onde seu túmulo ainda pode ser visitado (Rambler, 2023).

O legado de Sarah transcende sua história pessoal. Como uma das primeiras africanas a transitar entre a corte britânica e as elites africanas, sua trajetória reflete os paradoxos do imperialismo e da “missão civilizatória” europeia. Seu marido erigiu um obelisco em sua homenagem em Lagos e sua descendência continuou a desempenhar papéis importantes na sociedade nigeriana. Hoje, sua vida é revisitada por pesquisadores que investigam o colonialismo, como Denny S. Bryce em *A Outra Princesa*, ampliando o debate sobre identidade, resistência cultural e memória histórica em África e no Reino Unido.

Vale ressaltar que grande parte das informações disponíveis sobre Sarah Forbes Bonetta é de fontes indiretas, o que limita a compreensão de seus pensamentos íntimos. Não existem registros claros sobre como ela refletia

sobre sua infância marcada pela violência ou sobre a vida privilegiada, mas peculiar, que viveu posteriormente. Isso contrasta com o destino trágico de outras crianças africanas levadas para a Europa, cujas histórias são mais conhecidas.

A contadora de histórias

Denny S. Bryce, autora premiada de ficção histórica, é reconhecida por suas narrativas sobre a experiência afro-americana e a diáspora africana. Suas obras destacam protagonistas femininas corajosas e complexas, refletindo seu compromisso em revelar a multiplicidade da história. Ao celebrar e investigar identidades negras, Bryce amplifica vozes antes silenciadas, enriquecendo sua escrita com personagens marcantes⁵.

Sua trajetória é marcada por uma rica tapeçaria de influências culturais e históricas. Filha de ascendências diversas, Bryce tem origens na Nigéria, Jamaica, Guiana Francesa e Bermudas, enriquecendo suas histórias com a diversidade das culturas afro-diaspóricas. Cresceu ouvindo relatos que conectavam sua família às raízes africanas, moldando sua abordagem narrativa e reforçando sua conexão com a ancestralidade. A influência de sua avó materna, imigrante de Kingston, Jamaica, também foi fundamental na construção de sua identidade literária⁶.

Antes de se dedicar à escrita, Bryce teve uma carreira diversificada nas artes e comunicação, começando como dançarina profissional em Chicago e Nova Iorque, além de atuar como cantora e atriz. Essa vivência aprimorou sua sensibilidade artística e ampliou sua compreensão da expressão corporal, elementos que ela incorporaria em suas histórias. Sua formação acadêmica em teatro, dança e história reflete um apreço pelas narrativas que entrelaçam arte e memória, evidenciando a influência de suas raízes familiares e culturais⁷.

A transição para o mundo da escrita foi impulsionada por sua paixão por contar histórias e sua experiência em *marketing* e relações públicas. Durante mais de 20 anos, Bryce liderou com sucesso uma empresa nesse setor, o que lhe proporcionou um olhar aguçado para a construção de narrativas envolventes e ressonantes. Nesse período, começou a explorar a escrita de ficção ao produzir *fanfictions* baseadas em séries como *Buffy, a Caça-Vampiros* e *Firefly*, desenvolvendo assim sua habilidade de criar personagens complexos e cativantes⁸.

Em diversas entrevistas, Bryce compartilhou reflexões sobre sua escolha de temas e abordagem narrativa. No *podcast Best of Women's Fiction*, discutiu a inspiração por detrás de seu romance *In the Face of the Sun*, destacando como eventos históricos, como o racismo e o preconceito, influenciaram suas personagens. Ela ressaltou a importância de conectar experiências de diferentes períodos históricos, para evidenciar como esses desafios ainda ressoam na contemporaneidade⁹. Além disso, para o *Hasty Book List*¹⁰, Bryce falou sobre sua paixão por retratar histórias de mulheres negras, especialmente aquelas cujas narrativas foram marginalizadas pela literatura tradicional. Seu objetivo é ecoar a voz delas, explorando suas complexidades e contribuições para a sociedade de forma autêntica e enriquecedora¹¹.

⁵ Cf. Voyage ATL. (2024). *Check Out Denny S. Bryce's Story*. https://voyageatl.com/?p=626775&post_type=interview&utm_.

⁶ Cf. Denny S. Bryce, *About*. Consult. 2025. https://dennysbryce.com/about/?utm_source.

⁷ *Ibidem*.

⁸ *Ibidem*.

⁹ Ver Best of Women's fiction, *Episode 92: Denny S Bryce, author of In the Face of the Sun*, disponibilizado em 2022. https://www.bestofwomensfiction.com/episodes/denny-s-bryce?utm_

¹⁰ Ver Author Interview- Denny S. Bryce. Hasty Book List. https://www.hastybooklist.com/blog/author-interview-denny-s-bryce?utm_

¹¹ Cf. Denny S. Bryce, *About*. https://dennysbryce.com/about/?utm_source.

Os romances de Bryce resultam de uma pesquisa histórica rigorosa, ressignificando personagens envolventes e ampliando o alcance de temas complexos para leitores de diversas origens, classes e interesses. Embora seja uma autora de *best-sellers* com forte conexão com o mercado editorial, especialmente de ficção histórica, sua produção literária é mais amplamente reconhecida pelo público do que pela crítica acadêmica, que a percebe de maneira diferente.

Reconhecida por seu talento, Bryce foi nomeada Autora Revelação de 2021 pelo *Go On Girl National Book Club*, recebeu a bolsa *Tin House Workshop Fellow* e venceu o prêmio *RWA Golden Heart*. Atualmente, reside em Savannah, Geórgia, e mantém uma paixão por viagens que continua a influenciar sua escrita e pesquisa histórica.

A narrativa

A Literatura nos convida a refletir sobre o que poderia ter sido e os diversos rumos que cada acontecimento pode tomar. As *fanfictions* exemplificam esse potencial, ao serem criadas pela imaginação de fãs a partir de roteiros já existentes. Assim, não é surpreendente que, ao nos depararmos com fatos instigantes e incomuns da história oficial, sejamos naturalmente levados pela curiosidade a investigar detalhes ocultos ou pouco explorados.

Questionamo-nos constantemente: como seria o lado humano de certas figuras históricas? Tudo aconteceu exatamente como foi registrado ou há lacunas na narrativa? Os heróis realmente agem sozinhos ou dependem de uma rede de apoio muitas vezes esquecida? E quanto àqueles que foram apagados pelo sistema, cujas histórias permanecem silenciadas? Os registros históricos favorecem determinados protagonistas enquanto ocultam ou distorcem a contribuição de outros? Essas inquietações nos conduzem, continuamente, a uma busca por narrativas mais amplas e inclusivas, revelando as múltiplas camadas da história e resgatando vozes há muito tempo ignoradas.

Entre esses apagamentos encontra-se a história de Sarah Forbes Bonetta, afilhada negra da Rainha Vitória. Sua trajetória vai além do relato convencional de uma princesa africana que transitou entre a África Ocidental e a Inglaterra vitoriana. Ao acompanharmos sua busca por pertencimento, identidade e afeto, percebemos como sua história ecoa as mesmas questões que nos inquietam: quem tem o direito de ser lembrado? De que maneira o passado é contado? Pelas páginas dos diários escritos para sua filha, nessa narrativa, Sarah revisita sua vida e nos convida a enxergar as complexas experiências de ser uma mulher negra em um mundo moldado por uma narrativa predominantemente branca.

Para dar forma a essa trajetória, a obra é estruturada em um prólogo e 47 capítulos, organizados em cinco partes, cujos títulos são: *A Irrigação das Sepulturas*; *Pés Apressados, Corações Tateantes*; *Piano e Tambores*; *Perdida na Névoa da Manhã*; e *Quando Termina no Meio*, antecipando simbolicamente os dilemas e transformações vividos pela protagonista. Cada uma dessas divisões sugere diferentes momentos de sua jornada, destacando camadas de sua identidade e os desafios que enfrenta ao longo da vida.

Desde o prólogo, a obra destaca a importância da memória e da tradição oral na construção da identidade da protagonista. A história começa com um narrador onisciente que descreve seu nascimento e o dilema da mãe ao escolher seu nome — um ato profundamente significativo na cultura iorubá, no qual o nome define o destino. A hesitação materna ocorre devido ao significado de “Aina” que, relacionado às circunstâncias do parto, pressagia uma vida de sofrimento. Esse momento, no entanto, não é narrado pela protagonista, sugerindo que sua origem é reconstruída a partir de relatos mnemônicos transmitidos ao longo do tempo e não de uma lembrança direta.

Na primeira parte, *A Irrigação das Sepulturas*, a história se passa em 1843, na África Ocidental, e apresenta a protagonista, uma princesa iorubá filha de Kayin. O título faz referência ao registro do Comandante Forbes, que descreve o ritual de sacrifícios humanos realizados pelo Rei Guezo de Daomé. Segundo Forbes (1851), o sangue

das vítimas sacrificadas era usado para irrigar as sepulturas dos ancestrais do rei, conectando o poder político e espiritual da monarquia de Daomé às suas crenças religiosas.

Conforme afirmado anteriormente, a *omọ àdìrẹ*¹² nasce em circunstâncias difíceis, marcada pelo cordão umbilical em volta do pescoço, um símbolo de um destino desafiador. Sua infância, embora protegida, é interrompida brutalmente quando sua aldeia, Okeadon, é atacada pelas guerreiras *Agojie* do Rei Guezo. A pequena testemunha a morte de sua família e é capturada, iniciando sua jornada como escravizada.

A princesa egbá enfrenta o cativeiro no Daomé, onde é mantida sob vigilância constante em tendas de escravos. Durante esse período, ela conhece Monife, uma garota mais velha que a ensina a sobreviver e tenta ajudá-la a escapar. A princesa busca desesperadamente o irmão Dayo, acreditando que ele também tenha sobrevivido. Nesse contexto, ela aprende sobre as rivalidades políticas e econômicas entre os povos africanos e a cruel realidade do tráfico de escravos. Após alguns anos, é salva de ser sacrificada e entregue à Rainha Vitória como um gesto diplomático — um presente de um rei negro a uma rainha branca.

Na segunda parte, a narrativa segue momentos marcantes da trajetória da protagonista, desde sua chegada ao porto de Gravesend, na Grã-Bretanha, a bordo do HMS Bonetta, até seu retorno à Inglaterra após um período em Serra Leoa. A história aborda sua passagem por Winkfield Place, sua acolhida pela família Forbes, os encontros com a família real, as dificuldades de adaptação ao clima inglês e sua transferência para uma Instituição Feminina em Serra Leoa devido a questões de saúde. Seu colar, única lembrança que restava de sua família, é furtado e escondido por Rose, uma colega da escola, rompendo silenciosamente o último vínculo que a conectava às suas origens. O título da seção, *Pés Apressados, Corações Tateantes*, referencia os deslocamentos e incertezas da jornada, destacando sua posição como protegida da Rainha Vitória e os desafios de transitar entre diferentes identidades e culturas.

Na terceira seção, intitulada *Piano e Tambores*, com a morte do comandante Forbes, sua família inglesa se muda para a Escócia, e, mais uma vez, Sarah tem uma residência designada pela rainha, indo morar com Frederick e Elizabeth Schon em Palm Cottage, Inglaterra, local a uma hora de trem de Londres e do Palácio de Buckingham. Mais adaptações em uma nova fase da vida em que passa a frequentar festas e salões.

Na quarta parte do romance, *Perdida na Névoa da Manhã*, Sarah está em Brighton, sob os cuidados das irmãs Welch, e enfrenta o dilema de aceitar o casamento imposto pela Rainha Vitória ou viver sozinha na nova realidade em que se encontrava. Refugiada em cartas e lágrimas, ela mantém contato com o mundo que a abandonou. Apaixonada por outro homem, decide rejeitar inicialmente a proposta da rainha e viver o amor, mas suas leituras de Jane Austen a levam a romantizar sua situação, distanciando-se da realidade.

Sob pressão, Sarah cede e se casa com James P. L. Davies, um viúvo africano rico. Muda-se para África, primeiro para a Serra Leoa e depois para a Nigéria. Lá, vivencia o casamento, reencontra Rose e o cordão com a pedra azul da família, experimenta a maternidade entre perdas e alegrias e vê sua vida marcada pela riqueza e pela criação dos filhos em Lagos, onde também encontra Monife, a mesma jovem que outrora a ajudara a sobreviver, ainda no reino de Daomé. Nessa fase da narrativa, os fios soltos do enredo e de sua vida se conectam. Com a saúde fragilizada, uma mudança se torna inevitável, levando-a para Funchal, na Ilha da Madeira.

Ao final de *Quando Termina no Meio*, a protagonista está na Ilha da Madeira, finalizando o terceiro volume de seu diário, que deixará para sua filha, Vitória Matilda, com uma carta. Embora tenha mais histórias a contar, seu legado se limita ao que escreveu. Vitória, encarregada de entregar os diários ao Arquivo Real, acredita que a história

¹² Filha do rei em iorubá.

da mãe deve ser celebrada como parte da Inglaterra. Contudo, ao refletir, percebe que tanto a mãe quanto seus escritos pertencem, na verdade, a África, terra que ela jamais abandonou em essência.

A obra adota uma linguagem acessível, conduzindo a história de maneira linear e baseada nos fragmentos dos diários da protagonista. Essas memórias, entregues postumamente à filha, permitem que ela compreenda os desafios e experiências que moldaram a identidade materna. Mais do que um relato pessoal, a escrita ressignifica o passado e se torna um instrumento de transmissão de conhecimento, abordando questões sociais, culturais e históricas.

Essa construção narrativa difere da concepção tradicional de diário, geralmente estruturado como um registro datado e organizado cronologicamente. No entanto, ao dispor das memórias da protagonista em torno de anos e locais, a autora rompe com essa convenção e amplia os limites do gênero literário. Em vez de uma sucessão linear de eventos, o diário assume um caráter mais reflexivo e flexível, funcionando como um espaço de rememoração no qual a protagonista revisita momentos marcantes de sua vida. Essa abordagem dialoga com as reflexões de Bhabha (2005) sobre narrativas identitárias e deslocamentos, evidenciando como a experiência individual se entrelaça com construções históricas e sociais.

A ruptura com o diário convencional também reforça a ideia de que a memória não é um processo isolado, mas um fenômeno coletivo. Ao narrar suas vivências em diferentes contextos geográficos e temporais, Sarah não apenas resgata sua própria trajetória, mas se insere em uma dinâmica de memória compartilhada. Essa perspectiva se alinha à noção de memória coletiva de Halbwachs (2003), segundo a qual as lembranças individuais são moldadas por interações sociais e pelos contextos em que os sujeitos estão inseridos. Assim, ao transmitir suas memórias à filha, ela transforma sua história em um legado familiar e social, ampliando o alcance de sua experiência pessoal.

Nesse sentido, os diários não apenas preservam sua identidade, mas tornam-se dispositivos de ancoragem para a reconstrução do passado. Essa característica remete ao conceito de “locais de memória” (*lieux de mémoire*) de Pierre Nora (1993), que define esses espaços como símbolos nos quais a memória histórica se cristaliza, seja por meio de monumentos, de arquivos ou de práticas culturais. Assim, ao serem entregues à filha, a escrita transcende sua função autobiográfica e se torna um elo entre a experiência individual e a memória coletiva, contribuindo para a preservação e a transmissão de saberes ao longo das gerações.

Essa análise permite compreender como experiências pessoais são moldadas por contextos históricos mais amplos. As vivências e deslocamentos da protagonista não ocorrem isoladamente, mas estão imersos em dinâmicas sociais e políticas que ultrapassam o âmbito individual. Esse entrelaçamento entre memória pessoal e conjuntura histórica torna-se especialmente relevante ao considerar o impacto da expansão imperial britânica no século XIX, que influenciou direta ou indiretamente a trajetória de Sarah, cujas histórias foram registradas e ressignificadas ao longo do tempo.

Diálogos entre história e ficção

A relação entre história e ficção, como já salientado anteriormente, tem sido amplamente debatida, revelando como a narrativa ficcional pode atuar tanto como um complemento quanto como um questionamento das versões oficiais do passado. A literatura, ao transitar entre a realidade documentada e a reconstrução imaginativa, permite revisitar personagens e eventos históricos sob novas perspectivas, ressignificando-os a partir das vozes silenciadas pelos registros tradicionais.

Essa releitura se manifesta na forma como a narrativa problematiza os dilemas éticos e as ambiguidades do passado, explorando a construção das identidades e das relações de poder. Os diálogos entre os personagens tornam-se dispositivos essenciais para revelar tensões e questionamentos sobre a historicidade dos eventos retratados.

Em uma passagem do romance, Aina conversa com seu irmão Dayo. O rapaz, em estado de vigilância, busca proteger a família e os habitantes da aldeia. Em certo momento, a menina o interpela:

- O que está procurando?
- Traficantes de escravos. – Ele afastou os galhos baixos com sua espada. – As guerreiras do Daomé, principalmente.
- O que é um traficante de escravos e quem são essas do Daomé?
- Nossos inimigos.
- São pessoas como nós? – questionei. Ele deu de ombros, - Sim e não, não exatamente (Bryce, 2024, p. 21).

A interação traduz a complexidade moral e social do tráfico. A pergunta “São pessoas como nós?” expõe a tentativa de compreender um sistema que separa e categoriza indivíduos, questionando os limites entre “nós” e “eles”. A resposta ambígua — “Sim e não, não exatamente” — evidencia a dificuldade de definir identidades em um contexto onde opressores e oprimidos se confundem. Assim, o romance tensiona as representações históricas, desafiando perspectivas unívocas e promovendo uma reflexão sobre os discursos coloniais e suas repercussões na memória cultural, que se intensifica com a menção às guerreiras do Daomé, cujas ações representam um paradoxo: enquanto simbolizam resistência e poder em suas comunidades, também fazem parte do sistema de captura e comércio de escravizados. Esse contraste expõe as contradições da sobrevivência em um mundo de opressão e exploração onde escolhas morais são limitadas pelas circunstâncias.

O tom seco do diálogo, aliado à indiferença do interlocutor, sugere uma aceitação pragmática da realidade brutal. Em contraste, o questionamento da narradora busca humanizar e compreender esse sistema desumanizador. A cena encapsula a ambivalência e a hibridização do pensamento pós-colonial, revelando como vítimas e perpetradores podem coexistir numa mesma narrativa. Além de expor a violência do passado, desafia o leitor a refletir sobre seus legados nas dinâmicas de poder e identidade contemporâneas.

Essa complexidade se evidencia ainda mais na sequência do diálogo, quando a narrativa aprofunda o impacto do comércio de escravizados sobre as comunidades afetadas:

- Muitas batalhas foram e continuam sendo travadas, mas o Daomé não quer apenas vencer uma guerra. Seu negócio, seu comércio, é a captura e venda das pessoas... Eles são caçadores de escravos no tráfico de escravos.
- Sua voz soava como se as cordas vocais tivessem sido esticadas até ficarem tão finas que poderiam se romper. – É por isso que vigiamos a estrada. Não podemos ser surpreendidos pelas guerreiras do Daomé. Para elas, vencer uma batalha significa tanto assassinar quanto escravizar o máximo de pessoas (Bryce, 2024, pp. 21-22).

A protagonista, já adulta, narra a passagem com uma linguagem carregada de dor e reflexão, mostrando como essa memória, apesar do tempo, permanece viva. A descrição de sua voz — “como se suas cordas vocais tivessem sido esticadas até ficarem tão finas que poderiam romper” (Bryce, 2024, p. 22) — evidencia o trauma físico e emocional, cujos ecos do sofrimento da escravidão ainda ressoam no presente.

O caráter mnemônico da passagem, narrada de uma perspectiva madura e consciente, reforça o processo de reinterpretação do passado. Ao recontar a história como memória, a protagonista não apenas transmite os fatos, mas também o peso emocional de suas experiências. A linguagem vívida e tensa revive o trauma, ao mesmo tempo que busca dar sentido ao sofrimento e à violência.

A ênfase nas guerreiras do Daomé, tanto como combatentes quanto como agentes da captura e venda de pessoas, estabelece um contraste entre guerra e comércio, violência e desumanização. Ao recontar esse episódio, a narra-

dora reflete sobre os impactos do tráfico de escravizados e suas interseções com relações de poder, resistência e submissão.

Dessa forma, sua escolha de relatar a cena de maneira visceral transmite sofrimento e uma história de luta. A memória expõe a complexidade do processo histórico, no qual vítimas e opressores são moldados pela opressão, imersos na desumanização enquanto buscam sobrevivência e poder.

Esse processo de adaptação à brutalidade da realidade é ainda mais evidenciado na experiência dela enquanto criança. Para Sarah, que presenciou o assassinato de sua família e foi poupada da morte por um oficial da Marinha Britânica, acreditar na promessa do salvador torna-se uma estratégia legítima de sobrevivência. A resposta do comandante à sua declaração, “[...] a maioria das pessoas que eu conheci morreu, então já espero que a morte venha com mais frequência” (Bryce, 2024, p. 111), mostra a desconcertante normalização da violência e da perda. Ao afirmar: “Meu Deus, criança. Sinto muito. Você já suportou tanta dor na vida. Mas aqueles dias horríveis ficaram para trás. Confie em mim. Você vai prosperar na Inglaterra” (Bryce, 2024, p. 112), o comandante oferece uma tentativa de consolo, mas também expõe a falácia da promessa colonial.

Esse breve diálogo ilustra os impactos profundos da colonização, mostrando como a violência extrema da época subverteu valores e colocou as vítimas em uma posição de impotência. A promessa do comandante de um futuro melhor na Inglaterra oculta a realidade do colonialismo, que usava a desumanização como ferramenta de controle e manipulação.

A declaração reflete a postura colonial que valoriza a Europa e desvaloriza as culturas africanas. Ao afirmar “Você vai prosperar na Inglaterra”, sugere-se que a verdadeira felicidade e progresso só podem ser encontrados na cultura europeia, enquanto a África é retratada como um lugar de barbárie, considerando as identidades e experiências africanas como inferiores.

Em diálogo com as palavras de Caroline Bressey: “It is important for women such as Sarah to be written back in, not only for the interesting nature of their personal biographies, but also because of what their experiences reveal about Victorian, and our own attitudes to race and racism¹³” (Bressey, 2005, p. 264). Acrescentamos ainda, que mulheres negras, como Sarah, são raramente mencionadas nas crônicas sobre a era vitoriana. A maioria delas eram cidadãs comuns, cujas trajetórias são difíceis de acessar, especialmente entre a classe média e trabalhadora. Mesmo Sarah, com uma biografia diferenciada, foi praticamente apagada da historiografia.

Quando nos deparamos com publicações como o *Church Missionary Gleaner*, artigos na Internet ou filmes baseados em fatos, nossa curiosidade nos impulsiona a buscar mais informações, frequentemente criando nossas próprias interpretações. A busca por essas narrativas, especialmente as relacionadas ao colonialismo, revela como a história é contada e como versões diferentes de um mesmo evento podem ser manipuladas conforme a perspectiva dominante. Os missionários, por exemplo, apresentavam relatos sobre missões, conversões e viagens, romantizando frequentemente a interferência europeia na África sob o pretexto de “salvação” e “civilização”, enquanto desconsideravam as culturas locais (Church Missionary House, 1880).

O periódico citado desempenhou um papel crucial na promoção do imperialismo e das ideologias coloniais, disfarçando as intenções coloniais. Em dezembro de 1880, no volume VII, seção África, subseção Yoruba, duas reportagens abordam temas interligados: *The Ek-que-nco-ah-toh-meh (Human Sacrifices) of the Hwae-nooewlra (Annual Festival) in Dahomey*, sobre o sacrifício humano do Rei Guezo de Daomé, e *Portrait of Sarah Forbes Bonetta (Mrs. Davies)*, que anuncia a morte de Sarah Forbes Bonetta, ex-prisioneira salva do ritual pelo comandante Forbes e tutelada pela Rainha Vitória. Esses relatos articulam o destino e o papel do cristianismo como

¹³ “É importante que mulheres como Sarah sejam (re)inscritas na história, não apenas pela natureza interessante de suas biografias pessoais, mas também pelo que suas experiências revelam sobre as atitudes da sociedade vitoriana — e das nossas — em relação à raça e ao racismo.” (Tradução nossa).

força transformadora, mas, sob uma perspectiva pós-colonial, evidenciam dinâmicas de poder e controle cultural. A ênfase na “salvação” de Sarah legitima o colonialismo como força benéfica e reflete a destruição das identidades culturais africanas em nome da civilização ocidental.

No exemplar de fevereiro de 1881 do *Church Missionary Gleaner*, na seção África, subseção Yoruba, é publicada uma carta ao editor intitulada *Queen Victoria's African Protégée*, assinada por Annie C. Higgens (1881), em resposta a uma reportagem de dezembro do ano anterior. O texto apresenta a história de Sarah Forbes Bonetta sob a ótica da época, refletindo as dinâmicas coloniais e a construção de narrativas que justificavam a presença europeia na África. A trajetória de Sarah não é narrada pela versão oficial, mas pela perspectiva de uma “conhecida”, evidenciando as manipulações nas representações das vítimas do colonialismo, frequentemente ajustadas para atender aos interesses imperialistas.

O “pertencimento parcial” de Sarah a duas culturas encontra paralelos na ideia de “terceira dimensão” proposta por Homi Bhabha (2005). Para o autor, esse conceito se refere a um espaço simbólico e cultural, um “entre-lugar” no qual identidades e culturas se fundem de forma híbrida. Esse espaço é crucial para entender como narrativas coloniais, como as vistas no *Church Missionary Gleaner*, tentam moldar identidades artificialmente, criando figuras como Sarah Forbes Bonetta, que vivem entre o império colonial e suas raízes africanas, refletindo as dinâmicas de hibridização e subordinação.

Bhabha argumenta que as culturas se formam nas interseções e nos “interstícios”, e é nesse “entre-lugar” que surge a “terceira via”, caracterizada pela negociação das diferenças e pela recriação de identidades (Bhabha, 2005). Essa dimensão cultural é essencial para entender a experiência de Sarah, que transita entre a ancestralidade africana e as imposições da modernidade colonial. Ao habitar esse espaço de transição, ela desafia conceitos fixos de tradição e modernidade, ressignificando essas categorias e fortalecendo sua resiliência identitária.

Ao associar a vida de Sarah Forbes Bonetta ao conceito de locais de memória de Pierre Nora (1993), podemos entender como os lugares de sua vida (África Ocidental, Inglaterra, Ilha da Madeira) funcionam como pontos de ancoragem para sua identidade. Esses locais não são apenas físicos, mas símbolos de sua trajetória, preservando sua memória pessoal e refletindo sua experiência de mulher negra em um mundo vitoriano. A junção dos conceitos de “terceira dimensão” e locais de memória revela como Sarah navega por essas dimensões culturais, desafiando as fronteiras impostas pelas narrativas coloniais e reconstruindo seu pertencimento por meio da memória e da experiência vivida. Cada local por onde passou carrega significado, representando momentos críticos de sua vida, como sua captura, adaptação à corte britânica, retorno à África e seu fim na Ilha da Madeira. Ao refletir sobre sua trajetória, a protagonista atribui novos significados a esses espaços, que moldam sua percepção de si mesma, suas raízes e sua condição de mulher negra nos mundos por onde transita.

Nesse processo de reinterpretação, ao deixar seus escritos para sua filha, Vitória Matilda, cujo nome simboliza a fusão de identidades da mãe, a narradora personagem adota uma estratégia ficcional para valorizar as experiências de quem ocupa o “outro lado” da história. Esse gesto literário reflete um esforço de preservação e transmissão da memória, criando um arquivo que não só registra vivências, mas também oferece às gerações futuras a oportunidade de resgatar sua herança e compreender sua identidade.

Ao registrar suas memórias, a protagonista não apenas conta sua história, mas constrói um espaço de reflexão e aprendizado, transformando seu arquivo pessoal em um local de reminiscência, conforme proposto por Pierre Nora (1993). Esse arquivo conecta passado e presente, permitindo que o contexto histórico e emocional das experiências seja revisitado e reinterpretado. Assim, a memória da mãe transcende o individual, tornando-se um testemunho coletivo da relevância de suas vivências para o entendimento da identidade e da luta de um grupo social historicamente marginalizado.

As passagens a seguir ilustram os processos vividos por Sarah. O primeiro nome, Aina, dado por sua mãe Kayin, reflete a tradição africana iorubá e simboliza resistência e sofrimento:

Era dever de Kayin e uma tradição iorubá dar nome à sua filhinha de acordo com as circunstâncias do nascimento do bebê. Mas ela hesitou. Desejava dar à filha outro nome que não fosse Aina, nome que seria seu por direito. 'Aina' significava nascer com o cordão umbilical em volta do pescoço, nascer em uma vida difícil, nascer em uma existência de desgosto e sofrimento (Bryce, 2024, pp. 9-10).

No entanto, o segundo nome, Sarah, determinado pela Sr.^a Vidal e pelo comandante Forbes, representa a imposição da cultura cristã e colonial, afastando Sarah de suas raízes africanas:

- Concordo com a sr.^a De Graft. Você deveria dar um nome cristão. - Devo ter parecido surpresa, mas a sr.^a Vidal insistiu. - O que acha do nome Sarah? - perguntou-me a sr.^a Vidal. - É da Bíblia do rei James e significa 'extremamente bonito'. Também significa 'princesa'. - Ela tomou minha mão e apertou. - Repita comigo: meu nome é Sarah. O comandante pigarreou e disse: - Sarah Forbes Bonetta (Bryce, 2024, p. 80).

O processo de imposição de nomes reflete a interseção entre tradição africana e colonialismo, simbolizando as complexas dinâmicas culturais e identitárias enfrentadas por Sarah. A crítica de Hidden White (1985) complementa essa análise, ao problematizar como as narrativas coloniais, construídas sob uma perspectiva branca, frequentemente transformam figuras negras em símbolos ou curiosidades, ocultando suas subjetividades. No caso de Sarah, sua inserção na sociedade britânica é apresentada como uma história de "salvação", apagando as dimensões de deslocamento cultural e subjetivo que marcaram sua vida.

Essa perspectiva crítica resgata a complexidade de sua experiência, deslocando-a do exotismo e reconhecendo-a como agente de memória e resistência. Os nomes de Sarah carregam as tensões entre imposições coloniais e heranças culturais africanas, refletindo sua trajetória de resistência e adaptação, enquanto revelam sua luta por uma identidade própria que transcende as categorias desumanizadoras das narrativas coloniais.

Em vez disso, a narrativa nos conduz pela preparação e confecção do quadro. A personagem Sr.^a Vidal banha Aina, veste-a com roupas europeias, prepara o cenário, pinta a menina e, por fim, entrega a imagem como presente ao comandante. Parte dessa construção é evidenciada no excerto a seguir:

- Ela começou a me lavar e esfregou minha pele na água fria. Estremeci e aguentei ser esfregada e ensaboada. Depois de uma secagem rápida com um pedaço de tecido grosseiro, tive que vestir roupas semelhantes às das mulheres brancas, mas essa outra roupa, que Jinjin chamava de vestido, era uma peça única. Ela se deu o trabalho de nomear cada item ao colocá-lo em mim, que incluía um avental, meias brancas, sapatos com cadarço e um chapéu de palha com aba larga. Também colocou fitas no meu cabelo (Bryce, 2024, p. 81).

A passagem revela o início do apagamento da cultura africana e a imposição da cultura europeia como estratégia de colonização, simbolizada pela lavagem do corpo e vestimenta com trajes europeus. Esse processo representa o controle colonial sobre identidades, utilizando a ideia de "civilização" para justificar a desumanização e subordinação. O ato de vestir Aina com roupas europeias e tratá-la como um objeto para o olhar colonial exemplifica como as estruturas de poder operam para suprimir culturas e identidades não ocidentais, forçando uma adaptação que apaga seu passado cultural.

A partir do conceito de Hayden White (1985), que vê a história como uma construção moldada por convenções literárias e ideológicas, a passagem não apenas relata um processo histórico, mas também organiza simbolicamente os eventos para expor as estruturas de poder e dominação. Ela destaca como as narrativas históricas podem perpetuar valores eurocêntricos, silenciando as perspectivas africanas e desconsiderando suas subjetividades. A construção de Aina como um "presente" para a rainha sublinha como as histórias dominantes moldam a per-

cepção de sujeitos colonizados, ao mesmo tempo que revela a resistência implícita na transformação dessas imposições em memória e símbolo de identidade.

Ao integrar a metaficção historiográfica de Hutcheon (2003) com a crítica de Hayden White (1985), a trajetória de Sarah se revela como uma narrativa que desafia as histórias oficiais, denuncia as opressões que silenciaram vozes negras e propõe novos significados de pertencimento. Essa releitura não só revisita o passado, mas também se configura como um ato de resistência, preservando memórias e ampliando a compreensão sobre a diáspora e a hibridação cultural. Assim, a narrativa da princesa, ao contar sua história sob seu ponto de vista, questiona as narrativas hegemônicas e oferece uma visão mais complexa da história.

Essa reflexão nos leva à análise da interseção entre história e ficção, destacando como as narrativas literárias constroem e contestam a memória histórica. Ao desafiar versões hegemônicas, essas narrativas promovem um olhar mais inclusivo sobre o passado. A trajetória de Sarah, ao evidenciar os paradoxos da missão civilizatória britânica, se torna uma reflexão sobre a violência colonial e as formas de resistência que emergem dessas experiências.

Nesse contexto, a literatura desempenha um papel essencial, não apenas resgatando figuras colocadas às margens sociais, mas também proporcionando um espaço crítico para refletir sobre apagamento e ressignificação identitária. Ao inserir a história de Sarah em uma narrativa ficcional, cria-se a oportunidade de revisar criticamente os discursos históricos, reafirmando a literatura como um espaço de disputa simbólica e reconstrução da memória coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Outra Princesa, de Denny S. Bryce (2024), ressignifica a trajetória de Sarah Forbes Bonetta ao articular, de forma sensível e crítica, os temas da memória, da ancestralidade e da identidade cultural, questionando os discursos coloniais que historicamente silenciaram vozes africanas. A partir da problematização do papel da literatura na reconstrução de figuras marginalizadas, a obra se mostra um espaço fértil para o resgate de memórias e para a reafirmação da capacidade dos povos africanos de resistirem, reinventarem-se e preservarem sua africanidade em contextos adversos.

A pesquisa procurou demonstrar que a ficção histórica pode funcionar como um instrumento de reconstrução ativa da memória coletiva, ao reposicionar personagens como Sarah não como vítimas passivas do colonialismo, mas como sujeitos complexos e potentes, capazes de articular formas próprias de existência entre culturas. Ao adotar uma abordagem metaficcional, Bryce evidencia as lacunas da historiografia oficial, assim como a força criativa das identidades diaspóricas que, em vez de se submeterem à assimilação forçada, reconfiguram a herança africana em novos contextos socioculturais.

A literatura pós-colonial, nesse sentido, afirma-se como um campo de disputa de sensações e memórias, desafiando a visão eurocêntrica do passado e abrindo caminho para narrativas mais plurais e inclusivas. *A Outra Princesa* resgata Sarah como uma figura de resistência simbólica, cuja experiência de deslocamento e hibridismo revela a persistência das raízes africanas mesmo diante das pressões coloniais.

Concluimos, portanto, que a literatura não apenas complementa os registros históricos, mas também desempenha um papel ativo na reconstrução crítica do passado. Ao revisitar a História sob outras lentes, a ficção possibilita a recuperação de memórias silenciadas e a afirmação de identidades dinâmicas, reafirmando seu valor enquanto prática de resistência, reinvenção e fortalecimento da ancestralidade africana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bhabha, H. K. (2005). *O local da cultura*. Editora UFMG.
- Bressey, C. (2005). Of Africa's brightest ornaments: A short biography of Sarah Forbes Bonetta. *Social and Cultural Geography*, 6(2), 253-266.
- Bryce, D. S. (2024). *A outra princesa*. (F. Ficher, & P. Rissati, Trans.). Bertrand Brasil.
- Church Missionary House. (1880). The Story of King Gezo's Gift to Queen Victoria. In *The Church Missionary Gleaner* (Volume VII). Church Missionary House.
- Forbes, F. E. (1851). *Dahomey and the Dahomans; being the journals of two missions to the king of Dahomey, and residence at his capital, in the year 1849 and 1850*. Longman, Brown, Green, and Longmans.
- Foucault, M. (2009). *A arqueologia do saber*. Forense Universitária.
- Gilroy, P. (2001). *O Atlântico negro: Modernidade e consciência dupla*. (A. L. G. M. Costa, Trad.). Editora 34.
- Gomes, F. S. (2019a). *Histórias de escravos e libertos no Brasil*. Contexto.
- Gomes, L. (2019b). *Escravidão: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares* (Vol. 1). Globo Livros.
- Gomes, L. (2021). *Escravidão: Da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de dom João ao Brasil* (Vol. 2). Globo Livros.
- Gomes, L. (2022). *Escravidão: Da independência do Brasil à Lei Áurea* (Vol. 3). Globo Livros.
- Gonçalves, A. M. (2006). *Um defeito de cor*. Record.
- Halbwachs, M. (2003). *A memória coletiva*. (B. Sidou, Trad.). Centauro.
- Hall, S. (2003). *Da diáspora: Identidade e mediações culturais*. Editora UFMG.
- Higgins, A. C. (1881). Queen Victoria's african protégée. In *The Church Missionary Gleaner* (Vol. VIII). Church Missionary House.
- Hobsbawm, E. J. (2012a). *A era dos impérios: 1875-1914*. Paz & Terra.
- Hobsbawm, E. J. (2012b). *A era do capital: 1848-1875*. Paz & Terra.
- Hutcheon, L. (2003) *Poetics of postmodernism: History, theory, fiction*. Routledge.
- Inikori, J. E. (2002). *Africans and the Industrial Revolution in England: A study in international trade and economic development*. Cambridge University Press.
- Law, R. (1991). *The Slave Coast of West Africa, 1550-1750: The Impact of the Atlantic Slave Trade on an African Society*. Clarendon Press.
- Lovejoy, P. E. (1989). The impact of the slave trade on Africa: A review of the literature. *Journal of African History*, 30(3), 365-394.

- Lovejoy, P. E. (2011). *Transformations in slavery: A history of slavery in Africa*. Cambridge University Press.
- Kipling, R. (1899). The white man's burden: The United States and the Philippine Islands. *McClure's Magazine*, 12(4), 290-291.
- Nora, P. (1993). *Os lugares da memória*. Editora Paz & Terra.
- Northup, S. (2019). *Doze anos de escravidão*. Lafonte.
- Porter, B. (2004). *The lion's share: A short of british imperialism, 1850-2004*. Pearson.
- Rambler, G. (2023). Sarah Forbes Bonetta: ?1843?-1880. *Geoff Rambler's weird and wonderful Kent*. <https://geofframbler.blog/2023/10/07/sarah-forbes-bonetta-1843-1880/>
- Rodney, W. (1972). *How Europe underdeveloped Africa*. Bogle-L'Ouverture Publications.
- Said, E. W. (1990). *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Companhia das Letras.
- Said, E. W. (1994). *Culture and Imperialism*. Vintage Books.
- Spivak, G. C. (2014). *Pode o subalterno falar?* Editora UFMG.
- Thornton, J. (1998). *Africa and Africans in the making of the Atlantic World, 1400-1800*. Cambridge University Press.
- Verger, P. (1987). *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos: Dos séculos XVII a XIX*. Corrupio.
- White, H. (1985). *Metahistory: The historical imagination in nineteenth-century Europe*. Johns Hopkins University Press.

Submissão/submission: 31/12/2024

Aceitação/approval: 22/08/2025

Roberta Maria Ferreira Alves, Instituto de Ciência e Tecnologia, Ciência e Tecnologia, UFVJM - Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri, 39100-000 Diamantina, Brasil. roberta.alves@ufvjm.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-3187-7553>

Manuela Luiza de Souza, Instituto de Ciência e Tecnologia, Engenharia Química, UFVJM - Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri, 39100-000 Diamantina, Brasil. manuela.souza@ufvjm.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-2549-265X>

Alves, R. M. F., & Souza, M. L. de (2025). "A Outra Princesa": Uma releitura sobre as escarificações deixadas pela colonização e pela escravização africana. *Cadernos do Arquivo Municipal*, (24), 1-19.
<https://doi.org/10.48751/CAM-2025-24456>

Creative Commons CC-BY-NC 4.0